



As Ciências das Religiões e suas contribuições na Preservação Do Meio Ambiente (As Obras Da Criação)

Cassiano Augusto Oliveira da Silva - UFPB - (cassianojpb@gmail.com)

Raquel Miranda Carmona - IESP - (carmona.miranda@gmail.com)

RESUMO

O presente artigo vem trazer uma reflexão a respeito das contribuições da Ciências das Religiões (CR) para a preservação ambiental. Neste, é apresentado, a priori, um pensamento hermético de cunho teológico a respeito da temática da Criação no texto sagrado dos cristãos e em seguida, refletimos a respeito de como a CR, dentro de suas especificidades, pode contribuir no discurso da preservação do meio ambiente. As sociedades sofrem com as consequências das investidas dos seres humanos contra o meio natural e este exige mudança de paradigmas para que haja manutenção do cenário natural e por consequência, manutenção da vida humana na terra. Refletir sobre a Criação, leia-se neste artigo meio ambiente e recursos naturais, não é apenas uma obrigação das ciências biológicas, mas de todo o ramo do saber científico, para que juntos se construa uma ética ambiental capaz de modificar a realidade de agressão ao meio natural e a vida humana.

Palavras Chave: Ciências das religiões (CR); Criação; Preservação ambiental.

ABSTRACT

This article brings a reflection on the contributions of the Sciences of Religions (CR) to environmental preservation. In this article, we present, a priori, a hermetic thought of theological nature regarding the theme of Creation in the sacred text of Christians, and then we reflect on how the CR, within its specificities, can contribute to the discourse of the preservation of the environment. Societies suffer from the consequences of the onslaughts of human beings against the natural environment and this requires changing paradigms in order to maintain the natural scenario and, consequently, maintain human life on earth. Reflecting on Creation, read in this article environment and natural resources, is not only an obligation of the biological sciences, but of the entire branch of scientific knowledge, so that together an environmental ethic can be built that can modify the reality of aggression to the environment. natural environment and human life.

Keywords: Religious Sciences (CR); Creation; Environmental preservation.

1. INTRODUÇÃO

O progresso técnico-científico tem seu ritmo próprio e se processa de modo muito mais rápido do que a reflexões de cunho ético. Esta realidade motiva no íntimo de cada um de nós a aflição e a consternação, da investigação por segurança de verdades vitais. Na história da humanidade é notória a luta por coisas necessárias, em termos de vida digna e profícua. Faz-se necessária uma ética, uma ética ambiental, até por que a problemática do meio-ambiente é também um problema moral. Uma ética centrada no modo de agir dos indivíduos responsáveis com respeito a paisagens naturais, recursos, espécies e organismos não-humanos. A conduta dos seres humanos é preocupação direta da filosofia moral como tal. A Ética, no sentido exato, "ambiental" vem incluir em seu escopo, perguntas referentes às



peculiaridades do meio-ambiente, buscando responder à problemática de como preservá-lo, afim de garantir o futuro da humanidade.

Questionarmo-nos sobre o que deveria permanecer e mudar? Do que deveria e seria saudável alterar? São questões difíceis, que exigem bastante aprendizado referente ao diálogo, de espírito de tolerância e de respeito ao diferente (PESSINI, 2007, p. 27). Há necessidade de um modo de agir positivo, individual e coletivo, precisamos de uma ética ambiental entre as nações. Precisamos estar sensíveis as questões ambientais e assim cuidar do meio ambiente e dos recursos naturais, que abordaremos no decorrer deste trabalho como obras da Criação, uma vez que iremos fazer uma reflexão em deferência das contribuições da CR para a preservação ambiental, a partir de uma análise previa do discurso cristão da Criação.

Grosso modo, enquanto a teologia possui um discurso embasado na compreensão daquilo que é divino ou a este pertence, possuindo um engajamento religioso, a CR é o estudo interdisciplinar da religião e dos fenômenos religiosos, sem o compromisso com um determinado corpo doutrinal e, que possui a liberdade de angariar contribuições teóricas de diversas áreas do conhecimento, como veremos no decorrer de nossa reflexão. Nesse esforço há de se assumir a temática ambiental é pertença também das CR que como ciência não vem apenas construir conhecimento, mas edificar uma aproximação existencial do ser humano com assuntos de extrema relevância e pertinentes a vida humana quer seja direta ou indiretamente, como é o caso da preservação da Criação - do meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, para garantia também das futuras gerações.

2 O MEIO AMBIENTE (AS OBRAS DA CRIAÇÃO) E AS RELIGIÕES

Iniciamos nossa reflexão com uma citação de um dos documentos de grande beleza em conteúdo e escrita que já foi elaborado a respeito da defesa do meio ambiente. Refere-se a uma carta escrita, em 1854, pelo chefe Seattle ao presidente dos Estados Unidos da América, Franklin Pierce, por este ter proposto adquirir, uma ampla parte das terras de sua tribo, terras de seu povo, oferecendo, em contrapartida, a concessão de uma outra "reserva". E o fragmento da carta que nos interessa segue:

Tudo o que acontecer à terra, acontecerá aos filhos da Terra. Se os homens cospem no solo, estão cuspidos em si mesmos. Isto sabemos: a Terra não pertence ao homem; o homem pertence à Terra. Isto sabemos: todas as coisas estão ligadas como o sangue que une uma família. Há uma ligação em tudo. O que ocorrer com a Terra recairá sobre os filhos da Terra. O homem não tramou o tecido da vida; ele é simplesmente um de seus fios. Tudo o que fizer ao tecido, fará a si mesmo (PESSINI, 2007, p. 99).

A fala do chefe Seattle é bastante clara, quando da presença de uma representação do que seja o homem e o seu lugar imerso numa ordem cósmica em contraposição a outros domínios, estes também jazidos e assisados por seres de outra natureza – O que ocorrer com a Terra recairá sobre os filhos da Terra. O homem não tramou o tecido da vida; ele é simplesmente um de seus fios. O que faz crer que existe no cosmos criado, existe uma ordo natural, que classifica, de oposições lógicas, que hierarquiza e de categorias próprias. E esta ordo deve, portanto, ser pelo homem respeitada, salvaguardando a sua integridade.

As religiões herdaram uma cosmologia rica e variada com narrativas que valorizam o universo e a natureza. Certamente essas narrativas se distinguem da abordagem científica, em muitos pontos. Mas carregam em si uma importância cultural e histórica inegável, além de guardarem valores que nos fazem refletir sobre nossa relação com o meio ambiente



(MAÇANEIRO, 2011, p. 12). A temática ambiental ou dos recursos naturais se faz presentes no discurso das religiões ancestrais, por meio de seus ensinamentos, normas, códigos de conduta e orientações para a preservação da vida, da saúde e do meio ambiente, uma vez que a vida humana depende essencialmente da vida natural. As religiões, segundo o pensamento de Silva (2013), afirmam a sacralidade da vida e da natureza, remetendo-nos ao princípio da existência e planetária à transcendência, esboçando desenhos do mundo de perspectiva holística. Nesse entendimento a compreensão do cosmos e da natureza expressam a busca por parte do homo religious, em diferentes períodos da história e nas mais diversas culturas. De acordo com Maçaneiro (2011, p. 111) daí a complexa literatura sagrada, em que elementos místicos se mesclam com dados histórico-culturais, tecendo uma peculiar episteme da natureza: o conhecimento ou saber de caráter religioso, que “religa”, o biológico e o espiritual, a matéria e a transcendência. Assim esta forma de como o pensamento religioso representam o mundo nos mostra há quantos séculos que o ser humano vem observando seu meio vital no esforço de o entende, habita-lo e, com ele interagir “harmoniosamente”.

Segundo Silva (2003, p. 177), dentro deste campo harmonioso, parece que a finalidade das cinco grandes religiões milenares inventadas no Oriente - islamismo, hinduísmo, budismo, judaísmo e o cristianismo, antes de tudo, parece ter sido a de salvar o ser humano de suas “quatro maiores aflições fisiológicas” (o sofrimento de viver, o sofrimento da doença, o sofrimento da velhice e o sofrimento da morte). Elas se constituíam em tratados nos quais as pessoas deveriam buscar orientação para alcançar a saúde e a longevidade, que comporiam a base fundamental para se encontrar a felicidade e a liberdade. Portanto, a partir dessas representações do mundo fornecido pelas religiões e pelas culturas, que esboçam um saber em específico, podemos alinhá-lo a ciência em alguns pontos básicos para uma especialidade do ramo das ciências biológicas, que estuda o meio ambiente e os seres vivos que vivem nele, a ecologia. Seriam os pontos basilares: inteligibilidade, hermenêutica e organicidade.

Didaticamente Maçaneiro (2011, p. 112) nos apresenta estes pontos basilares para a ecologia, a saber: inteligibilidade – apresenta-se a partir da busca do conhecimento. Hermenêutica – observa-se no ser humano, afirmado como sujeito de saber e de sentido, seja nas religiões ou seja nas ciências. Organicidade – manifesta-se nas diferentes epistemes, sejam elas sagradas ou científicas - que buscam um princípio, uma ordem ou um sentido organizador para o universo. Nesse contexto, as religiões com seus discursos sobre a Criação – meio ambiente, recursos naturais, seres animados e demais organismos vivos – se configuram como saberes epistemológicos da natureza. Compreende-se os escritos religiosos e científicos a respeito da compreensão do homem sobre o mundo com o qual habita, interage e necessita para manutenção de sua vida e dos demais seres vivos, compreendemos que mesmo sendo distintos eles não se anulam necessariamente. Por fim, diante de um todo de compreensões e discursos das religiões, é apresentado, no item a seguir, ao discurso presente no texto sagrado dos cristãos sobre a Criação e a compreensão ecológica de preservação que pode ser encontrado através de uma exegese com viés ecoteológico ou, propriamente ecológico, que poder ser observada no item a seguir.

3 TEXTO SAGRADO CRISTÃO E A PRESERVAÇÃO DAS OBRAS DA CRIAÇÃO

Aquilo que narra as sagradas escrituras para o mundo cristão a relativo à Criação é a principal, dentre as mais diversas formas de se tentar compreender a realidade e, de se buscar compreender o real significado do mundo e da relação de interação deste com o homem. Sendo assim, tal cobiça se configura no homem como um desejo inato de compreensão, sendo este o único ser vivente que procura questionar por sua própria natureza e se põe a si mesmo como problema (REIMER, 2005). Portanto, o texto sagrado cristão nos permite argumentar



diante da realidade de crise ambiental em que o mundo se depara. É numa perspectiva, de denúncia e de via de mitigação na qual essa reflexão se enquadra, estruturando um quadro de esperança. E em se tratando desta expectativa, a bíblia a cultiva de ponta a ponta e ela não se completa nos desejos ou moldes pessoais. Ela não rima de modo mesquinho com o individual ou o particular. O mote bíblico é com o popular, com aquilo que é comum a todos, com o que é da humanidade, como a natureza - o meio ambiente e seus recursos (SCHUWANTES, 2009, p. 15). A Terra se estrutura como um dos conteúdos promovidos pela esperança do texto sagrado, em reflexão.

“Ora, o SENHOR disse a Abrão: Sai-te da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai, para a terra que eu te mostrarei”(Gênesis 12,1). [...] Habitou Abrão na terra de Canaã e Ló habitou nas cidades da campina, e armou as suas tendas até Sodoma. Ora, eram maus os homens de Sodoma, e grandes pecadores contra o Senhor. E disse o Senhor a Abrão, depois que Ló se apartou dele: Levanta agora os teus olhos, e olha desde o lugar onde estás, para o lado do norte, e do sul, e do oriente, e do ocidente; [...] Porque toda esta terra que vês, te hei de dar a ti, e à tua descendência, para sempre. E farei a tua descendência como o pó da terra; de maneira que se alguém puder contar o pó da terra, também a tua descendência será contada. Levanta-te, percorre essa terra, no seu comprimento e na sua largura; porque a ti a darei (BÍBLIA DE JERUSALÉM, Gn., 13,12-17)

No segundo livro do Pentateuco (os cinco primeiros livros da bíblia), mais precisamente o livro do Êxodo, que é também o segundo livro da bíblia, a terra é (re)afirmada – “Portanto desci para livrá-lo da mão dos egípcios, e para fazê-lo subir daquela terra, a uma terra boa e larga, a uma terra que mana leite e mel; ao lugar do cananeu, e do heteu, e do amorreu, e do perizeu, e do heveu, e do jebuseu” (Exodo 3,8). Para os profetas, alguém que fala diante dos outros ou porta uma revelação divina, a terra liberta permaneceu sendo um dos grandes objetivos/ desígnios do fluxo do povo de Deus. Assim o formula o livro de Miquéias (4,4) – “Mas assentar-se-á cada um debaixo da sua videira, e debaixo da sua figueira” (SCHUWANTES, 2009, p. 18). Nos escritos do novo testamento bíblico, o conteúdo elementar não é mais diretamente a terra, mas o corpo. “O vosso corpo é templo do Espírito Santo” (1 Coríntios 6,19). Sendo que esse novo referencial é resultado da realidade no qual Paulo estava inserido, as personagens não vivem mais no campo, as histórias se convergem para as cidades. Contudo, estes também são alvos da promessa da terra, “bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra” (Mateus 5,5). E quando Jesus, o Cristo de Deus, anuncia, em Nazaré, “o ano aceitável do Senhor” (Lucas 4,19), refere-se, em alusão a tradições do antigo testamento, à libertação da terra. Com isto, não é de se estranhar que as parábolas recorram a experiências de lavradores para configurar o reino. “O reino de Deus é assim como se um homem lançasse a semente à terra” (Marcos 4,26), (SCHUWANTES, 2009, p. 19).

Do meio natural a terra é recurso integrante, parte significativa da Criação, sendo então, um dos conteúdos preferíveis da esperança bíblica. Deus, o arquiteto divino – o principal organizador do universo, é aquele que cria, mas a Criação não foi uma necessidade de Deus, sendo pois opus de sua vontade, Ele decide criar e a Criação se dá porque Ele dirige sua palavra criadora, ou seja, a Criação é obra da Palavra de Deus. “Disse Deus” e assim se fez e, viu “Deus que tudo era bom” (Genesis 1,3). E “Deus viu que tudo era bom”, tal exclamação é reproduzida em passo igual, em cada dia da criação, descrito no livro do Gênesis (do grego Γένεσις, "origem", "nascimento", "criação", "princípio"). Nas obras do Criador/ Deus, a bondade se torna presença para que as criaturas dentro da diversidade



entoem um canto de louvor. Ser Jardim (pardes ou paradisum) é o sentido do presente e projeto para o futuro da Criação. A Criação é um dom, simbolizado no Éden e que foi entregue ao homem (MAÇANEIRO, 2011, p. 23). O discurso teológico cristão ou a teologia cristã da criação se estrutura numa narrativa trinitária: Deus que é Pai, Filho e Espírito Santo é compreendido como Criador, numa perspectiva ternária contínua e dinâmica o Pai tudo cria através de sua Palavra ‘dabar’ equivalente ao Verbo e seu Sopro ‘ruah’ equivalente ao Espírito Santo (MAÇANEIRO, 2011, p.25-26).

Saindo um pouco do texto sagrado, mas adentrando na esfera da fé cristã que tem por fulcro também o texto sagrado, é interessante citarmos o texto do Símbolo Niceno-constantinopolitano, declaração de fé aceita pela [Igreja Católica](#), Igreja Ortodoxa, Igrejas ortodoxas orientais, [Igreja Anglicana](#) e pela maioria das denominações protestantes, onde se confessa a fé num único Deus “Cremos em um só Deus, Pai todo-poderoso, Criador do céu e da terra, de todas as coisas visíveis e invisíveis” (MISSAL COTIDIANO, 2013, p.511). O Senhor da Criação é o Deus Trino: “No princípio criou Deus o céu e a terra. E a terra era sem forma e vazia; e havia trevas sobre a face do abismo; e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas” (Gênesis 1,1-3); “Porque a palavra do Senhor é reta, e todas as suas obras são fiéis” (Salmos 33,4); “Pela palavra do Senhor foram feitos os céus, e todo o exército deles pelo espírito da sua boca” (Salmos 33,6); “Porque falou, e foi feito; mandou, e logo apareceu” (Salmos 33,9); “Envias o teu Espírito, e são criados, e assim renovas a face da terra” (Salmos 104,30); “Com efeito, o Espírito do Senhor enche o universo, e ele, que tem unidas todas as coisas, ouve toda voz” (Sabedoria 1,7). O Salmo 136 resume o louvor ao Deus criador e salvador: “o amor de Javé perdura para sempre!” Deus que criou os céus, a terra, as águas, os astros (versículos 1-9), libertou o povo da escravidão do Egito (versículos 10-15) e o conduziu pelo deserto (versículos 16-24). Deus cria salvando e salva criando. Todas as coisas foram feitas por meio do Verbo Divino, e sem ele nada do que foi feito se fez (João 1,1-3). A convocados pelo anjo para adorar o Criador é feita a todos: “E adorai aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas” (Apocalipse 14,7). Deus harmoniza a Criação e exclama que o que fazia era bom –

“Haja uma expansão no meio das águas, e haja separação entre águas e águas. E disse Deus: Ajuntem-se as águas debaixo dos céus num lugar; e apareça a porção seca; e assim foi. E chamou Deus à porção seca Terra; e ao ajuntamento das águas chamou Mares; e viu Deus que era bom.” (Gênesis 1, 6.9-10) E disse Deus: Produzam as águas abundantemente répteis de alma vivente; e voem as aves sobre a face da expansão dos céus. E Deus criou as grandes baleias, e todo o réptil de alma vivente que as águas abundantemente produziram conforme as suas espécies; e toda a ave de asas conforme a sua espécie; e viu Deus que era bom. E Deus os abençoou, dizendo: Frutificai e multiplicai-vos, e enchei as águas nos mares; e as aves se multipliquem na terra. E foi a tarde e a manhã, o dia quinto. E disse Deus: Produza a terra alma vivente conforme a sua espécie; gado, e répteis e feras da terra conforme a sua espécie; e assim foi. E fez Deus as feras da terra conforme a sua espécie, e o gado conforme a sua espécie, e todo o réptil da terra conforme a sua espécie; e viu Deus que era bom (BÍBLIA DE JERUSALÉM, Gn. 1,20-25).

O texto do capítulo 1º do Gênesis além de narrativo é eminentemente poético, carregado de frases solenes num passo ritmado. Há estrofes, sete ao todo. E inclusive possui refrões: “Foi a tarde e a manhã ...”, presente nos versículos 5.8.13.19.23 e 31 (SCHUWANTES, 2009, p. 28). Mas, Deus decide estabelecer uma relação entre criador e



criatura e fez o homem - “Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; e domine sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre todo o réptil que se move sobre a terra” (Gênesis 1,26) E a criatura ao criar relação com o Criador, é portanto co-criadora. (SUSIN, 2003). E assim “viu Deus tudo quanto tinha feito, e eis que era muito bom; e foi a tarde e a manhã, o dia sexto” (Gênesis 1,31)

Na liturgia da Criação a criatura está integrada ao seu ambiente, configura-se no texto sagrado uma integridade da Criação. O “sujeitar” e o “dominar” animais e terra, em Gênesis 1, nada mais é que administrar, pois o consumo da carne, isto é, a morte do animal é um processo excluído como necessário da alimentação. Esta se restringe às plantas, ao que fora criado no terceiro dia. As pessoas não têm, pois, o direito de lançar mão da vida do que foi criado no quinto (peixes e aves) e no sexto dia (animais) (SCHUWANTES, 2009, p. 30). Se Deus assim o fez, cabe a todo homem desempenhar sua função de zelador. Compreende-se assim que Deus exorta o homem como responsável pela permanência da vivacidade do solo

“Fala aos filhos de Israel, e dize-lhes: Quando tiverdes entrado na terra, que eu vos dou, então a terra descansará um sábado ao Senhor. Seis anos semearás a tua terra, e seis anos podarás a tua vinha, e colherás os seus frutos; Porém ao sétimo ano haverá sábado de descanso para a terra, um sábado ao Senhor; não semearás o teu campo nem podarás a tua vinha. O que nascer de si mesmo da tua sega, não colherás, e as uvas da tua separação não vindimarás; ano de descanso será para a terra. Mas os frutos do sábado da terra vos serão por alimento, a ti, e ao teu servo, e à tua serva, e ao teu diarista, e ao estrangeiro que peregrina contigo; E ao teu gado, e aos teus animais, que estão na tua terra, todo o seu produto será por mantimento. Também contarás sete semanas de anos, sete vezes sete anos; de maneira que os dias das sete semanas de anos te serão quarenta e nove anos” (BÍBLIA DE JERUSALÉM, Lv 25,2-8).

A Criação, no discurso cristão, não é uma obra concluída ou encerrada em si, Ela está aberta ao futuro e com este dialoga hodiernamente. A mudança de postura do povo de Deus em relação a Yahweh (YHWH, tetragrama que se refere ao nome de Deus) é colocar em prática os seus preceitos, e assim algo se transformará também no ambiente e em algo mais. De forma simbólica – e não se trata somente de uma metáfora – os autores sagrados tem consciência de que os outros seres participam da glória que Deus reservada ao seu povo: “É na alegria que vocês vão sair, e serão conduzidos na paz. Na passagem de vocês, montanhas e colinas explodirão em aclamações, e todas as árvores do campo baterão palmas” (Isaias 55,12s). A criatura humana é dada a responsabilidade de cuidar da Criação, e aqueles a quem a terra destrói, também serão destruídos.

“Não danifiqueis a terra, nem o mar, nem as árvores, até que hajamos selado nas suas testas os servos do nosso Deus.” (Apocalipse 7,3). “E iraram-se as nações, e veio a tua ira, e o tempo dos mortos, para que sejam julgados, e o tempo de dares o galardão aos profetas, teus servos, e aos santos, e aos que temem o teu nome, a pequenos e a grandes, e o tempo de destruíres os que destroem a terra” (BÍBLIA DE JERUSALÉM, Apocalipse 18,18).

O autor sagrado do Apocalipse, identificado com apóstolo João, também autor do quarto evangelho, anuncia que esta esperança já começou a se realizar: “Eu vi um novo céu e uma nova terra” (Apocalipse 21,1). O testemunho neotestamentário da criação não está centrado no início do mundo e sim no querigma da ressurreição e na pneumatologia. Nelas, o



criar de Deus é escatologicamente compreendido como “chamar à vida”, “ressuscitar” e “vivificar”, pois se referem à Criação no fim dos tempos, ou seja, a nova Criação.

Na criação do mundo foram necessárias quatro coisas: — a ordem, o trabalho, a determinação e a proclamação. A ordem na celebração da trindade, o trabalho como serviço e liturgia, a determinação na palavra anunciada e a proclamação como expressão do serviço. Analisando cada uma das citações bíblicas supramencionadas conseguimos enxergar os quatro elementos necessários para a criação do mundo (MACHADO, 2010, p.19). As narrativas bíblicas possuem uma visão aditiva do significado ambiental, assinalando as orientações divinas ao primeiro par: “Deus os abençoou e Deus lhes disse: Frutificai e multiplicai-vos e enchei a Terra, e sujeitai-a; e dominai sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre todo o animal que se move sobre a terra” (Gênesis 1,28). Os homens deveriam “governar” o mundo sub-humano da mesma maneira amável, terna e fiel com que Deus os rege. Por sabedoria e amor Deus mantém a harmonia da criação (MACHADO, 2010, p. 17).

A Criação é um dom, simbolizado no Jardim do Éden e que foi entregue ao homem para cultivá-lo e guardá-lo. Assim se estabelece, um pacto, uma aliança, um vínculo de responsabilidade entre Criador e criatura humana em benefício da vida na terra. A ação ou omissão do homem resultará na sua fidelidade ou na sua infidelidade a esta berith (aliança em hebraico), já que o criador confiou à humanidade o cuidado das criaturas. Daqui o cuidado ecológico firmará sua importância crescente na teologia e na ética, não se resumindo a apenas a esfera da profissão de fé cristã, mas também em meio aqueles que se identificam com a pessoa do Cristo de Deus ou do Jesus de Nazaré. Isso posto e, saindo do hermetismo do saber teológico bíblico, vamos agora adentrar na CR afim de compreender um pouco desta e de suas especificidades com o foco na preservação do meio ambiente e de seus recursos.

4 AS CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES NO DISCURSO DE PRESERVAÇÃO AMBIENTAL

No item anterior foi abordado apenas o discurso de uma expressão de fé, entretanto, as religiões, a fé e a espiritualidade carregam em si elementos próximos que podem contribuir bastante no repensar e no reviver de conceitos - Criação, cosmos, universo, natureza, seres vivos, ser humano, cosmos, harmonia, equilíbrio, dominação e tantos outros - importantes para o discurso de preservação e que podem ser mais trabalhados e enriquecidos pela CR, em comparação a teologia, salvaguardando suas especificidades. Assim numa multiplicidade de saberes religiosos, de discursos de cunho religioso e ideológico atrelado a religião ou a espiritualidade, alastramo-nos das CR como fulcro epistemológico. É mister ressaltar que quanto a flexão no singular ou no plural para a terminologia Ciência(s) da(s) Religião(ões), há um caminho longo de debates epistemológico e metodológico, entretanto em nossa reflexão utilizamos a flexão no plural utilizada no Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba.

A CR permite ao pesquisador alcançar uma análise diacrônica e também sincrônica do objeto de estudo - *o fenômeno, a experiência e as expressões do religioso*. Segundo Hock (2010, p. 13) a CR se apresenta como “a pesquisa empírica, histórica e sistemática da religião e de religiões e, para isto abrange uma diversidade de disciplinas que analisam e apresentam religiões e fenômenos religiosos sob aspectos específicos”. E se dedica de maneira não normativa ao estudo histórico e sistemático de religiões concretas em suas múltiplas dimensões, manifestações e contextos socioculturais (USARKI, 2016). De acordo com Passos e Usarki (2016, p. 26) a CR abarcada como área particular, sendo detentora de um objeto, de métodos e de teorias específicas, vai se estruturar e se executar a partir de um conjunto de



abordagens diferentes, que podem ser designadas como subáreas, como disciplinas ou como instrumentos teórico-metodológicas, que permitem sua execução metodológica e, por conseguinte, sua distinção epistemológica.

É interessante destacar que áreas adicionais que servem de subsídio e de referência mútua das disciplinas permitem aparecer com mais nitidez pontos de interseção e linhas demarcatórias. Diante disto, já podemos imaginar o discurso ecológico indo além da esfera doutrinal e se estruturando na CR com um corpo multidisciplinar que subsidiará a interpretação da CR com foco na preservação. A multidisciplinaridade faz parte da CR, são elementos arraigados do seu *modus operandi*: a fenomenologia da religião (ordenação sistemática dos distintos fenômenos religiosos e definição dos seus conteúdos), a sociologia da religião (a relação entre a religião e a sociedade, a pesquisa de religiões em sociedades menos complexas), a psicologia da religião (a relação entre o indivíduo e a religião no plano da experiência e da práxis), a antropologia da religião (a discussão dos aspectos simbólicos do fazer religião no interior das sociedades humanas) e, no campo da teologia, alguns teólogos por meio da percepção oriunda também da CR foram capazes de romper com o discurso teologia hermético e produzir uma teologia pública capaz de dialogar com diferentes áreas do conhecimento (HOCK, 2010), (GUERRIERO, 2016). Nos últimos anos, *pari e passu*, as disciplinas clássicas da CR, outras vertentes de pesquisa tem cooperado o seu desenvolvimento, a saber: a geografia da religião (considera os impactos mútuos entre religião e meio ambiente e vice versa), a economia da religião (interessa-se as questões da relação entre religião e economia, além das consequências econômicas da atuação religiosa), também a fundamentação da religião, a crítica da religião e a filosofia da religião, esta última num esforço compartilhado em busca de uma linguagem científica comum, com base em padrões e modos de procedimentos metodologicamente claros (HOCK, 2010, p. 15, p.183).

O objeto de trabalho da CR é a religião ou as religiões, quanto ao conceito desta, posicionamo-nos diante de uma celeuma interna de grande magnitude e que pelo visto não se encerrará em um curto espaço de tempo. O que segundo Sampaio (2014, p. 58) as referências clássicas e modernas, como: Max Müller, Émile Durkheim, Max Weber, Rudolf Otto, Mircea Eliade, Marcel Mauss, Clifford Geertz, Joachim Wach, Peter Berger e tantos se debruçaram na discussão do conceito de religião. Mas o que nos interessa é que a visão do que é religião e seu uso como terminologia se ampliou e saiu daquilo que se enxergava do cristianismo como modelo de religião e fé, pronto e acabado. Sobre a religiosidade, terminologia própria de outro objeto de estudo da CR, esta se refere a algo que tem sua origem no povo que pode evocar manifestações ligadas ao sagrado, suas práticas de cura, devoção a santos ou festas de rua, por oposição ao que é oficial, ao que vem da Igreja. Há aí uma bipolaridade dos opostos, religião e religiosidade, tão necessário para se compreender aquilo que mencionamos anteriormente o fenômeno, a experiência e as expressões do religioso e, esta compreensão é fruto do esforço contínuo da CR (NASCIMENTO, 2009, p. 119). Segundo Assad (1991, p.116 apud SAMPAIO, 2014, p. 59), “não pode haver uma definição universal de religião, não apenas porque seus elementos constituintes e suas relações são historicamente específicos, mas porque esta definição é ela mesma o produto histórico de processos”. E assim compreendemos que as definições funcionais são limitadas, uma vez que o termo “religião” envolve um agregado de elementos, critérios e dimensões que em conjunto, esboçam o cenário no qual a CR descreve seu objeto.

Ao pesquisador da CR, não importa a prerrogativa da tradição dos estudos hermenêuticos que infringe e viola os limites da análise científica, mas sua aproximação com o objeto de estudo devendo assumir a postura de um ateu metodológico, capaz de escolher, caso a caso, a partir de suas competências e das circunstâncias externas, o instrumento que se revelar mais apto para alcançar o objetivo interpretativo (FILORAMO; PRANDI, 2016, p. 21-



22). Um caminho firme para o pesquisador em CR é tomar por base sua própria formação e as questões que se coloca sobre (e para) a religião como dimensão cultural e, utilizar caso a caso as chaves mais adequadas para a leitura das realidades religiosas que se fizeram e se fazem presentes nas sociedades humanas (FILORAMO; PRANDI, 2016, p. 275). Peter L. Berger (1969, p.37) citado por Filoramo e Prandi (2016, p. 267) “afirma que o sagrado é uma obra humana através da qual é construído um cosmo sagrado”, com isto concluímos que o sagrado e o cosmo envolvem elementos (tempo, espaço, coisas, seres vivos, seres detentores de razão e divindades) situados num complexo jogo de interações, no qual está a vida humana e nenhum outro estudioso, se não um cientista da religiões seria capaz seria capaz de compreender e de racionalizar esse amálgama que carrega o fenômeno religioso e a experiência religiosa.

Portanto analisar as experiências e interpretações do que se costuma ser esboçado como sagrado exige evidentemente um olhar direcionado as interfaces entre os saberes das religiões e da academia, dois modos distintos de saberes. Para Latour (2004, p. 350-360) a religião é um modo de pregar, de predicar, de enunciar a verdade. Esta é literalmente, tecnicamente, teologicamente uma forma de dar a notícia, de trazer a “boa nova”, o que em grego se chamou “evangelios”. Entretanto é da ciência que se deve dizer que alcança o mundo invisível do além, que é espiritual, milagrosa, que sacia e edifica a alma. O professor de História da Religião Hans-Jürgen Greschat (2005, pp. 155-157) afirma que o teólogo visa proteger e enriquecer sua tradição religiosa; os cientistas da religião não prestam um serviço institucional, como os teólogos, “não são comandados por nenhum bispo, nem obrigados a dar satisfação a nenhuma instância superior” diferenciando a condição dos teólogos e dos cientistas das religiões.

Diante de todo este cabedal teórico congregado por esta ciência, o seu pesquisador é de interrogar quais seriam as contribuições da CR para um discurso de preservação ambiental? Nesse questionamento, a ecologia não pode ficar à margem do desafio do diálogo entre a fé, a razão e as ciências. Pois é neste sóbrio diálogo, que a CR, deve apresentar suas conclusões e por consequência suas contribuições. Um olhar para o meio ambiente tendo por base uma perspectiva científica de um objeto atrelado a esfera da religião, da espiritualidade e, cujo resultado seja o estabelecimento de uma premissa hermética que existe uma relação profunda entre o ser humano (religioso ou não) e o mundo como um todo (REIMER, 2005, p. 28-30). A CR é um convite a saímos da "zona de conforto epistemológica" de um discurso teológico para enxergarmos que não haverá verdadeira resposta à crise ecológica a não ser em escala planetária e com a condição de que se opere uma autêntica revolução política, social e cultural reorientando os objetivos da produção de bens materiais e imateriais. Essa revolução deverá concernir, portanto, não só às relações de forças visíveis em grande escala, mas também aos domínios moleculares de sensibilidade, de inteligência e de desejo.

É interessante relembramos que a CR recebe contribuições teóricas de diversas áreas do conhecimento: história, sociologia, antropologia, psicologia, filosofia, linguística, teologia etc., sendo necessário um recorte epistemológico e metodológico em busca de uma hermenêutica com o foco em seu objetivo principal, no caso em questão a preservação do meio ambiente e de seus recursos. Já citamos que é da ciência que se alcança o mundo invisível do além, que é espiritual, milagrosa, que sacia e edifica a alma. A CR nos permite compreender a cosmovisão religiosa da Criação, suas ligações diretas com a física atômica, a física quântica, a astronomia, a biologia, da geografia, da matemática, além da própria ecologia. A referida disciplina, a partir da análise do discurso religioso, nos aproxima da concepção quântica da realidade e do conhecimento, da energia quer materializada ou não;



nos aproxima de saberes científicos que conjeturam a expansão do universo; nos aproxima de novos questionamentos matemáticos a respeito da expansão do cosmos ao infinito e etc.

Em suma, as CR, em sentido unívoco, visa a captar a especificidade da religião, neste caso específico direcionada ao discurso de preservação do meio ambiente e dos recursos naturais (a Criação) subsidiando seu próprio discurso e dos demais campos do conhecimento científico a respeito da necessidade, das sociedades, de conhecer os mecanismos das complexas relações entre os seres vivos e o ambiente que o cerca. É preciso que as sociedades estejam conscientes das mudanças, que o meio natural requer, ao homem em seu modo de encarar seu próprio *oikos* – socialmente, antropológicamente, culturalmente, historicamente, politicamente, ecologicamente etc.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto é interessante considerar que refletir a respeito da Criação num âmbito da preservação é mais do que um se identificar com a temática, é um desafio na tentativa de se compreender um pouco da CR no lugar da preservação e quais as suas contribuições como eixo norteador para ações em prol do meio ambiente e de seus recursos (a Criação). E ao abordar a temática ambiental nas CR é inseri-la dentro da ação reflexão contemporânea do estudo das religiões, é um retorno aos ideais apregoados nas quais tudo começou. Não nos referimos aqui a um retorno que compreender um discurso mitológico da Criação, mas é um mergulhar num conjunto de valores como: o reconhecimento dos bens naturais, não apenas como dádiva de um Deus Criador, mas que é um bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida; a consciência do limite e consequente preservação da natureza e de seus recursos; a compreensão das celebrações da vida em sintonia com a dinâmica do meio natural; a demarcação da terra que se inicia como espaço sagrado e lugar hierofânico, mas se configura como local de surgimento de um grupo, de um povo; atitudes cultivadoras e de serviço que corrige a visão mercantilista dos recursos naturais. Tudo isto configura-se como um discernir de caráter arquetípico e duradouro ornados pelos elementos da espiritualidade – beleza, sentido, reconhecimento, esperança e mistério, que passa a ser compreendido pelas CR com um olhar social, antropológico, cultural, histórico, político e por fim, ecológico.

Assumir a temática ambiental é pertença também das CR que vem não apenas construir conhecimento, mas edificar uma aproximação existencial do ser humano com assuntos de extrema relevância e pertinentes a vida humana quer seja direta ou indiretamente. As reflexões da CR acaba por elaborar um conjunto de movimentos que auxiliam no recuperar saberes perdidos e revalorizam aspectos da humanidade presentes e passados que são fundamentais, na reinvenção do humano, como a preservação do meio ambiente e dos recursos naturais. Refletir ecologicamente com a CR é fomentar uma consciência ecológica, é pensar sobre nossa capacidade de nos compreendermos como parte de um meio com o qual nos relacionamos em interdependência, com o qual trocamos gratuidades, favores e serviços, submetendo tudo isso a uma hierarquia de valores que tudo norteia e a tudo dá significado em vista da mútua realização e perfeição.

REFERÊNCIAS

ASAD, Talal. *Genealogies of Religion. Discipline and Reasons of Power in Christianity and Islam*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1993. In: SAMPAIO, D. S. As manifestações de religiosidade não contem traços necessários de uma religião: uma análise



das relações entre poder judiciário religiões afro-brasileiras. *Mneme – revista de humanidades*. Caicó, v. 15, n. 34, p. 54-82. Jan./Jun 2014.

BÍBLIA DE JERUSALÉM, 5ª. Edição. São Paulo: Paulus, 1996.

BERGER, P. L. *The sacred canopy*. Nova Iorque: Anchor books edition, 1969. In

BOFF, L. *Saber cuidar: ética do humano*. Petrópolis: Vozes, 1999.

FILORAMO, G. PRANDI, C. *As ciências das religiões*. São Paulo: Paulus, 2016.

GUERRIERO, S. *Antropologia da Religião*. In: PASSOS, J. D. USARKI, F. (Org.) *Compendio de ciência da religião*. São Paulo: Paulus, 2013. Pp. 243-256.

GRESCHAT, H. J. *O que é Ciência da Religião?* São Paulo: Paulinas, 2005

HOCK, KLAUS. *Ciência da religião*. São Paulo, Loyola, 2010.

LATOURE, B. “Não congelarás a imagem”, ou: como não desentender o debate ciência-religião. *Mana*, v. 10, n. 2, p. 349-375, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ha/v17n35/v17n35a11.pdf> Acessado em: 21/01/2018.

MAÇANEIRO, Marcial. *Religiões e ecologia – cosmovisão, valores, tarefas*. São Paulo: Paulinas, 2011.

MACHADO, L. da C. *Liturgia e ecologia: apontamentos para uma Práxis pastoral ecolitúrgica na igreja metodista*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

MISSAL COTIDIANOD. São Paulo: Paulus, 2013.

NASCIMENTO, M. R. *Religiosidade e cultura popular: catolicismo, irmandades e tradições em movimento*. *Revista da Católica*, Uberlândia, v. 1, n. 2, p. 119-130, 2009

PESSINI, Leo. *Bioética: um grito por dignidade de viver*. São Paulo: Paulinas, 2007.

REIMER, H. *Sustentabilidade e cuidado contribuições de textos bíblicos para uma espiritualidade ecológica*. São Paulo: Reviver, 2005.

SAMPAIO, D. S. *As manifestações de religiosidade não contem traços necessários de uma religião: uma análise das relações entre poder judiciário religiões afro-brasileiras*. *Mneme – revista de humanidades*. Caicó, v. 15, n. 34, p. 54-82. Jan./Jun 2014.

SCHWANTES, M. *Projetos de esperança – meditações sobre gênesis 1-11*. São Paulo: Paulinas, 2009.

SILVA, M. G. C. *Religião e sustentabilidade: meio ambiente e qualidade de vida*. *Paralellus*. Recife, v.4, n.8, p. 175-186. Jan/Jul 2013.



SILVA, O. R. da. *Ética ambiental*. In: SANCHES, Cida. MORAES, Margarida. (Org.). *Ecologia: princípios para uma civilização sustentável*. São Roque, 2003.

SUSIN, Luiz Carlos. *A Criação de Deus: Deus e Criação*. Coleção Livros básicos de teologia, v. 5. São Paulo: Paulinas: 2003.

USARKI, F. *História da ciência da religião*. In: PASSOS, J. D. USARKI, F. (Org.) *Compendio de ciência da religião*. São Paulo: Paulus, 2013. Pp. 51-61.